

## **ESTUDANTES POBRES RECÉM CHEGADOS AO ENSINO SUPERIOR – TRAJETÓRIA E PERCEPÇÕES.**

**Marcio da Costa**

Professor da Faculdade de Educação da UFRJ

[marcioc@pobox.com](mailto:marcioc@pobox.com)

**Marcela Brandão Cunha**

Graduanda em Pedagogia pela UFRJ

[Celabc1@yahoo.com](mailto:Celabc1@yahoo.com)

### **RESUMO**

Expõe resultados de grupos focais com estudantes pobres de Salvador, que lograram acesso à UFBA. Estudo exploratório com participantes de um programa de apoio à permanência na universidade, por meio de bolsas de estudos, apoio pedagógico e acompanhamento sistemático. Pretendeu-se apreender a avaliação que esses estudantes fazem de suas trajetórias escolares, as influências sofridas nos respectivos meios sociais e as razões que os motivaram ao acesso à universidade. Há questões referentes aos aspectos marcantes na chegada à universidade, adaptação e dificuldades encontradas. Resultados são coerentes com trabalhos sobre essa temática, mas destacam aspectos individuais usualmente elididos na literatura sociológica.

Palavras-chave: ensino superior; sucesso escolar improvável; sociologia da educação, percepções de estudantes

### **ABSTRACT**

We present findings of focal groups with poor students of Salvador/Bahia. That is an exploratory piece of research with students taking part in a comprehensive support program. This paper intends to grasp how those students evaluate their own educational trajectory, the influences of their social backgrounds and the reasoning that had motivated them to try the access to the university. There are also questions about the beginning time in the higher education environment, the difficulties and the adaptation process. The results are coherent with other investigations on the theme but we highlight some individual aspects usually elided in sociological literature.

# ESTUDANTES POBRES RECÉM CHEGADOS AO ENSINO SUPERIOR: O QUE PENSAM OS PRÓPRIOS?

Marcio da Costa <sup>1</sup> e Marcela Brandão Cunha

## Introdução

A temática do acesso e permanência de estudantes de meios sociais fortemente desfavorecidos ao ensino superior tem alcançado cada vez mais proeminência nos meios acadêmicos e nos ambientes políticos brasileiros. Alguns fatores contribuem para tal situação – que contrasta com uma tradição fortemente excludente desses segmentos sociais até mesmo em níveis anteriores de escolarização – sobretudo a capacidade que alguns setores organizados lograram de introduzir essa problemática na agenda de debates das políticas educacionais brasileiras, sob o ângulo da profunda desigualdade de nosso quadro geral. Sob um viés mais racial ou mais socioeconômico, o fato é que qualquer discussão sobre políticas de ensino superior brasileiro, ou sobre desigualdade no Brasil, não pode mais desconsiderar as evidências de que há uma enorme parcela da juventude historicamente distanciada do acesso a esse bem tão valorizado e que tantos benefícios traz a seus portadores. Polêmicas em torno de políticas de cotas ou do Prouni são uma forte expressão dessa tendência geral. De certa forma, o próprio governo federal tem desempenhado papel relevante neste *imbroglio*, ao propor tais políticas de ação alternativa.

Esse trabalho pretende apresentar relatos provenientes de uma investigação com estudantes universitários que se encaixam perfeitamente em qualquer delimitação que se queira fazer de estudantes que poderiam ser, ou efetivamente são, objeto de iniciativas redistributivas de oportunidades de ensino superior. Nossa pretensão é, em primeiro lugar, descritiva, dado que os debates em torno do tema costumam ser altamente “ideologizados”, contribuindo pouco para que efetivamente se conheça esta realidade e se pensem políticas de redução das desigualdades atinentes a essa parcela da população.

A experiência sob nossa investigação é bastante limitada, do ponto de vista de seu alcance em termos numéricos. Por outro lado, pode ser relevante para a reflexão sobre alguns aspectos importantes e para o desenvolvimento de estudos exploratórios como este, dadas algumas condições favoráveis em que opera.

Duas dezenas de estudantes, inequivocamente pobres, foram selecionados, a partir de um conjunto de condições<sup>2</sup> para integrar o primeiro grupo de beneficiados pelo PIP – Programa de

<sup>1</sup> Grupo de Estudos dos Sistemas Educacionais (GESEd) FE/UFRJ

<sup>2</sup> Idade até os 25 anos, não ser casado ou ter filhos, ser proveniente de família com renda domiciliar per capita de até meio salário mínimo, dispor de tempo integral para dedicação ao curso universitário e ao programa de apoio em pauta.

Incentivo à Permanência no Ensino Superior, desenvolvido pela Fundação Clemente Mariani<sup>3</sup>, em convênio com a UFBA – Universidade Federal da Bahia, a partir de 2005. Entre esses estudantes, integrantes de diversos cursos, havia alguns (cinco) que já tinham recebido apoio dessa mesma fundação, por meio de um outro programa de suporte a candidatos ao ingresso em universidades públicas. Assim, nem todos os beneficiários do PIP são alunos da UFBA, pois alguns daqueles foram aprovados em exame vestibular de outra universidade pública da Bahia. Porém, as análises e informações aqui contidas dizem respeito apenas aos estudantes ingressantes na UFBA, no primeiro semestre de 2005.

Basicamente, o PIP consistiu, em seu primeiro ano de funcionamento, de um conjunto de ações que buscavam assegurar a permanência e o bom desempenho acadêmico desses estudantes, através de uma bolsa de auxílio com valor acima da bolsa CNPQ/PIBIC, acompanhamento direto dos bolsistas por meio de dois estagiários especificamente dedicados a essa tarefa, cursos suplementares de informática, iniciação à metodologia científica e português, atividades culturais e integradoras.

Como parte do programa de avaliação do Projeto de Incentivo à Permanência no Ensino Superior, da Fundação Clemente Mariani, foram realizados dois grupos focais com participantes do Projeto. Esta iniciativa se conjuga a outros procedimentos que visam formar uma visão abrangente sobre o programa e seus efeitos. Os demais procedimentos de avaliação implementados em intenção do Programa consistiram na aplicação de um *survey* nos bolsistas e nos demais alunos de suas respectivas turmas de ingresso, ao final do primeiro semestre letivo de 2005, relatórios sistemáticos de atividades por parte dos estagiários do Programa, entrevistas individuais com cada um dos bolsistas e, por fim, uma iniciativa frustrada, mas que seria de extrema relevância para avaliação efetiva de efeitos acadêmicos do Programa, um acompanhamento longitudinal comparativo dos bolsistas e suas turmas de ingresso, ao longo dos quatro semestres de permanência previstos no PIP. Esta última iniciativa não ocorreu por conta de recusa da administração da UFBA em fornecer os dados individualizados de desempenho escolar dos estudantes.

Os grupos focais buscaram apreender a avaliação que os próprios estudantes fazem de suas trajetórias escolares, assim como as influências exercidas sobre eles nos respectivos meios sociais e as razões que os motivaram a tentar o acesso à universidade. Foram também levantadas questões referentes aos aspectos marcantes na chegada à universidade, como a adaptação e dificuldades encontradas; e a visão que cada um possui sobre o projeto do qual fazem parte.

---

<sup>3</sup> Uma instituição privada que se dedica há mais de quinze anos ao desenvolvimento de projetos educacionais basicamente de apoio à educação pública.

O trabalho a seguir contém alguns extratos de falas expressivas acerca dos aspectos sob atenção. São, no entanto, apenas uma seleção de falas proferidas em duas longas sessões, que se prolongaram bem mais que o tempo inicialmente previsto,<sup>4</sup> por conta da ânsia dos estudantes em falar sobre os pontos em pauta. A opção por deixarmos muitas falas transcritas deveu-se à riqueza de muitas delas e à eloquência com que são tratados temas vitais para esta investigação. Qualquer teoria acerca de uma suposta inconsciência de pessoas com tais características socioeconômicas quanto a suas chances e reais condições de vida deve ficar abalada quando da leitura dessas falas.

Para efeito de exposição, seguimos uma divisão por assuntos que foi adotada como roteiro da própria realização dos grupos focais. Contempla os seguintes pontos: vivência escolar dos alunos - experiências que marcaram suas trajetórias; as influências exercidas pelo meio social; a chegada à universidade; e as perspectivas futuras dos estudantes.

### **Vivência escolar dos alunos - experiências que marcaram suas trajetórias**

Nos relatos sobre suas trajetórias escolares, a começar pelo ensino fundamental, a maioria dos participantes, nos dois grupos, destaca que considera de baixa qualidade o ensino oferecido pela escola pública pela qual passou. Aqueles que freqüentaram escolas particulares antes das públicas falam sobre o contraste que sentiram; e os que sempre estudaram em estabelecimentos públicos relatam que, mesmo com dedicação e empenho nos estudos e tendo bom rendimento escolar, encontraram dificuldades posteriormente, ao mudarem de escola ou prestarem exames para outros colégios ou universidades. É interessante destacar a experiência relativamente comum de passarem, em algum momento de suas vidas escolares, por escolas particulares.<sup>5</sup> Esse fato pode indicar que os alunos aprovados nos vestibulares de universidades públicas, mesmo quando provenientes de condições socioeconômicas bastante precárias, têm acesso a determinados recursos escolares escassos e/ou a redes sociais distintivas.

*Acho que pra destacar assim, eu tive problemas de sair da escola particular pra pública, eu fiz até a quarta na escola particular, tive muita dificuldade de me adaptar nessa mudança, não tinham aquelas aulas regulares \*, professores faltando, então isso foi difícil pra mim (...) A escola também foi uma das piores atualmente, que tem o ensino do ginásio, e aquilo me chateava, que quando eu comecei a me destacar lá eu acreditava que por isso eu era uma ótima aluna, que eu tinha conteúdo. (grupo 1)*

---

<sup>4</sup> A princípio, cada grupo focal tem sua duração prevista para até duas horas. Nesse caso, cada um dos dois grupos em que os estudantes foram divididos teve duração superior a três horas.

<sup>5</sup> Comumente alguma pequena escola de bairro.

*Eu também estudei em escola particular até a quarta série e foram poucos incentivos que a gente teve, e pra nós tava tudo aí, aquela coisa de tinha aula, não tinha aula, estudar era coisa assim de vez em quando... Eu não fazia mais questão de estudar, porque eu sabia que só de prestar atenção na aula ali eu sabia que na prova eu ia me sair bem, e era verdade, isso já aconteceu muito comigo.(grupo 1)*

*(...) a questão é que as outras pessoas que estão lá, elas não se esforçam... Elas não querem mesmo estudar, só porque você se esforça, porque eu acho que aquilo não é nada do que você deveria... Então, devido a essa comparação te colocam lá em cima. Mas depois, quando você vai ter a prova, você vê que não sabe nada mesmo. Eu fiz a prova do CEFET, eu não tinha noção do que era uma redação (...) Então eu cheguei em casa desesperada, porque foi tudo uma fraude, a minha escola.(grupo1)*

*Depois na quinta série eu tive que ir pra escola pública, porque não teve mais condição de me manter na escola particular, e nas primeiras séries da escola pública, no ginásio, eu era bastante \*pela iniciação na escola particular. E eu tinha um pouco de dificuldade na escola pública porque às vezes eu queria saber mais dos assuntos e mais assuntos, e muitas vezes os professores não aprofundavam tanto e também eu acho que eles não ligavam muito. (grupo 2)*

*Eu estudei na escola particular da primeira à quarta série, da quinta ao ensino médio estudei em escola pública. Acho que o ponto negativo nesse período foi eu ter mudado pra escola pública, mas nada que me impedisse de estudar. (grupo 2)*

*O colégio público a gente sabe que tem inúmeros defeitos, e eu sofri com esses defeitos... A falta de material, a falta de merenda que obriga a mandar os meninos pra casa mais cedo. Uma série de coisas que acontece no colégio público que não deixa a gente viver mais... Do que eu acredito que possa se viver na escola particular, também pode ser... Eu não sei exatamente, são vários fatores que implicam nesse não rendimento maior. Eu acho que os pontos negativos da escola pública, eu acho que são esses. Questão de falta de professor, uma estrutura que não ajuda muito, período de greves que a gente teve que passar... Esses problemas que a gente já tá cansado de saber que existem mesmo.(grupo 2)*

Em relação ao ensino médio, assim como no que se refere ao ensino fundamental, poucos depoimentos mostram uma avaliação positiva das escolas públicas. Vale ressaltar que devemos considerar a escola federal, citada em um dos relatos, como um caso a parte, já que as escolas federais apresentam condições e resultados atípicos entre as escolas da rede pública. No relato das experiências escolares, os depoentes revelam, também, a consciência que foram tomando de suas próprias limitações, sempre associadas com as deficientes condições das escolas que frequentaram.

*Quando eu mudei pra minha outra escola, que também é pública, mas que o ensino é bom, foi onde eu fiz todo meu ensino médio, eu fiquei de novo chateada porque não era aquilo... Aquela minha expectativa de... Eu vi que era pura ilusão, que eu vi que não tive base nenhuma no ginásio, e começou a minha dificuldade de correr atrás de conteúdo perdido... (grupo 1)*

*Em termos de incentivo de algum professor era complicado, os professores só queriam... Como posso dizer... “você vai ter que ficar aí mesmo...” Aí a gente vê que não é essa a realidade, preparação nenhuma a gente teve pra fazer vestibular e tal... (grupo 1)*

Os fragmentos de falas precedentes trazem indícios da falta de incentivo e orientação, nas escolas públicas, que permitam desenvolver o interesse dos alunos em dar continuidade aos estudos ou seguir uma carreira acadêmica. É bem marcante essa impressão, para a maioria dos entrevistados, de que a escola pública é um local de baixa exigência, onde a educação é dissociada da noção de esforço. Há uma forte associação desta baixa exigência com as projeções de escolarização futura para esse tipo de clientela. Os estudantes relatam freqüentemente que seus professores, em geral, não nutrem expectativas de carreira escolares longas para eles, o que seria uma evidência do clássico “efeito Pigmalião”. Por outro lado, se revela, também, algo já registrado na literatura pertinente: o desconhecimento no meio social de origem quanto aos trajetos e práticas referentes ao acesso a universidades. Os trechos a seguir expressam isso mais claramente.

*E assim, no colégio eu tinha uma certa questão, que os professores nunca incentivavam a estudar, mas eu tinha um controle sobre isso... Também não havia incentivo disso pra que eu me destacasse, então, como passar: como a média era cinco, então, tirei cinco, beleza, se eu tirar nove, na próxima eu tiro cinco, ou um ou dois, entendeu? Porque o ensino público não cobrava tanto pra que eu me cobrasse tanto pra atingir tal média. (grupo 1)*

*Primeiro chegou no primeiro ano... Já no ensino fundamental eu já me imaginava já na faculdade, só que eu não sabia como era. Cursinho mesmo, eu achava que a gente era obrigado a fazer um cursinho pra depois conseguir chegar na faculdade, eu achava que um cursinho era tipo uma aula que era obrigado, e depois você ia pra faculdade. Não tinha conhecimento nenhum, porque os professores não falavam nada disso aí ... (grupo 1)*

*O que não existe na escola pública é esse incentivo dando forças pro aluno, é como se estivesse ali somente cumprindo... (grupo 1)*

*Assim, os professores em si, da escola pública, a gente entra no segundo grau, a gente não é preparado pra fazer vestibular, a gente não tem... Sequer é passado pra gente o que é uma faculdade, a gente não sabe, eu tenho colegas que quando eu falei, “poxa, eu passei na universidade!”, se confundiam, não sabiam o que era pré-vestibular, universidade. As pessoas não têm essa noção, mesmo estando dentro da escola. Eu tive uma professora que chegou na sala e falou assim: “quem gostaria de fazer vestibular no final do ano?”, e ninguém levantou a mão, ninguém levantou a mão porque essa realidade não era a nossa, sabe? Quando ela fez essa pergunta, eu comecei a querer saber mais (...) (grupo 2)*

*Eu acho que isso acaba gerando... Ninguém gostando da escola pública ... Os professores não acreditam na capacidade do aluno... (grupo 2)*

Ao longo da discussão, os alunos que fizeram curso pré-vestibular – em sua maioria como bolsistas ou matriculados em cursos comunitários – relataram as dificuldades encontradas e compararam as condições de estudo existentes nos cursinhos ao “ambiente escolar” das escolas públicas. Não há relatos de um grande contraste entre as condições inadequadas das escolas públicas e as condições encontradas nos cursinhos pré-vestibulares a que tiveram acesso (cf. Zago, 2007; Paulo, 2005). Estes últimos, em suas fragilidades, parecem uma continuidade da escola pública antecedente. Como alternativas para superarem os obstáculos com os quais se deparavam, destacam a determinação e dedicação própria, e o incentivo obtido dos amigos, como, por exemplo, através da formação de grupos de estudos com os que buscavam os mesmos objetivos.

*Eu tive a experiência do cursinho pré-vestibular... Então, quando eu ia embora, aí o professor chegava. Não tinha aula, aí acabava sendo a mesma coisa que no colégio. Mas eu também fiz esse cursinho porque, como eu não consegui isenção do vestibular para a UNEB, quem tava matriculado nesse cursinho tinha direito à meia isenção. E o fato de não ter aula também foi importante pra mim, porque eu conheci pessoas que tinham o mesmo pensamento que eu. Então, a gente fez uma turma de cinco pessoas pra poder estudar. Das cinco, uma conseguiu chegar até a segunda fase e perdeu e os outros quatro passaram pra federal, graças a Deus. (grupo 1)*

*(...) Meu professor de Química do... nunca vi uma coisa pior do que aquilo ... Chegou na hora eu vi a prova da UFBA o que era, não tinha conhecimento de nada (...) não fazia nem idéia do que era que eu tava marcando lá, aí não sei como passei na primeira fase... Aí fiquei estudando, me empolguei em estudar lá sozinho... Fiz uma péssima prova lá, fui e perdi. Aí, no outro ano, comecei a estudar desde o princípio. Aí chegou no meio do ano fiz o curso. E, quando chegou lá encontrei uns colegas que já tinha e a gente fez a mesma coisa, um grupo de estudos... Durante sábado e domingo... Aí depois a gente estudou, estudou, estudou... (grupo 1)*

Quanto aos professores que marcaram a trajetória escolar de cada um, surgem lembranças relacionadas ao incentivo que obtiveram destes. Entretanto, algumas experiências ruins que marcaram a história escolar dos bolsistas acabaram por se transformar em fontes de estímulo e em aspectos positivos. Raramente as queixas e críticas são generalizadas e ganham, por outro lado, bastante destaque os papéis de incentivo/exemplo positivo que professores representaram. A idéia de bom professor também é algo do maior interesse. Para este tipo de aluno, as referências de bons professores estão marcadas pela lembrança daqueles que cobravam aprendizado dos alunos, mas também dos que os incentivavam, desafiando-os a querer mais.

*Ao passar pra oitava série eu encontrei um determinado professor que ele cobra... A forma de avaliação dele é legal, mas também foi o único que tinha*

*aquela idéia de que você não poderia ser o mesmo, continuar nessa mesmice. Mas assim, em termos de incentivo de algum professor era complicado(...)*

*Um professor anterior... “Você tem facilidade com matemática? Me continue um curso da área que você quer... O único que disse assim: “vá e faça, vá e procure”, entendeu? Ele contou a história dele, dos sacrifícios que ele teve que fazer durante a vida dele pra chegar à universidade... Ai foi um ponto que eu também pensei no sacrifício meu. (grupo 1)*

*No terceiro ano eu tinha uma professora de matemática... Ela bateu no quadro e disse assim: “gente, despertem! A vida lá fora ta correndo a trem-bala, e vocês aqui só tão andando, sequer correm. Então, ta na hora de vocês despertarem.” (grupo 1)*

*Essa escola eu acho que foi o divisor de águas da minha vida... Os professores ajudaram muito... (grupo 2)*

Ao falarem a respeito do rendimento escolar que tiveram ao longo de suas trajetórias, relatam seus bons resultados e atribuem tais conquistas ao próprio esforço pessoal. Essa questão do esforço próprio é bastante recorrente. Dadas as barreiras consideráveis que esses jovens enfrentam, o sentimento de que são grandes lutadores – e vencedores – em um mundo adverso é um traço comum a muitos deles. Um certo olhar sociológico<sup>6</sup> tenderia a minimizar esse elemento, tratando-o como mera “ideologia”. No entanto, podemos tratar essa busca de superação como uma característica particular que, ao lado de ressaltar a desigual estrutura social de oportunidades, põe à vista a dimensão individual como também importante para pensarmos fenômenos como o em pauta.

*Eu não me limitava ao assunto que eu via em sala de aula, procurava sempre mais, porque eu sabia que aquilo ali não era nada. Nas outras escolas eu achava que aquilo era tudo... Mas, na verdade, aquilo era uma parcela muito pequena. (grupo 1)*

*Eu estudava sozinho mesmo, eu estudava porque eu gostava mesmo, eu ficava estudando porque eu gostava. (grupo 1)*

*Foi por conta mais de racismo, eu morava lá no interior de Sergipe e tinha muitos descendentes de europeus... Então aquela segregação toda pro meu lado, então eu disse, rapaz, como eu posso mudar esse quadro? Eu pensei bem e mudei o quadro através de meus estudos... (grupo 2)*

*Os pontos positivos me parece que são mais ligados a mim mesmo, sabe? Da minha busca, da minha vontade de estudar, eu sempre gostei de fazer isso, sempre gostei de estudar, sempre gostei de saber as coisas que eram colocadas em sala de aula. Então, me parece que era muito mais por mim, do que pela estrutura que era me dada, que eu obtive esse desempenho. (grupo 2)*

---

<sup>6</sup> Talvez fosse mais adequado dizer “hipersociológico” – uma tendência a considerar como de ordem social todos os fenômenos que nos permitiriam compreender situações como a dos estudantes aqui em foco.

*Na escola que eu estudava tinha uma biblioteca, mesmo na escola pública, e lá eu tinha o costume de pegar vários livros... Se eu tinha dificuldade com livro, eu ia à biblioteca... Então não tive esses problemas como obstáculos pra mim, na minha atitude. (grupo 2)*

### **As influências exercidas pelo “meio social”**

Parece fora de dúvida que os estudantes do Programa são provenientes de ambientes sociais sem qualquer afinidade com o ensino superior. Os estudantes falaram sobre as trajetórias escolares de seus familiares e das pessoas de convívio próximo, como amigos e vizinhos. Os depoimentos são convergentes quanto à raridade de casos de pessoas graduadas ou que cursam atualmente o ensino superior.

*Eu acho que o único que conseguiu alguma coisa só foi só um tio meu, nem estudou também... Começou alugando e consertando bicicleta e hoje tem uma agência de bicicleta. Porque o resto... Eu que terminei e entrei na faculdade, eu acho que é o único caso. (grupo 1)*

*Na minha família não tem ninguém que tenha feito curso superior... Mas depois quando eu cheguei no terceiro ano e comecei a me ligar pra fazer vestibular e falar lá em casa, aí meu pai pegou e voltou a estudar e concluiu o ensino médio... (grupo 1)*

*Na minha família, pelo menos alguns conseguiram terminar o ensino médio, particularmente os que moram comigo. Meus irmãos, apenas uma terminou o ensino médio, e isso já com 32 anos. Na minha família eu sou a única, em toda a família, eu sou a única que estou no ensino superior. (grupo 2)*

*Dos irmãos de meu pai tem dois que são analfabetos, de minha mãe tem uma irmã que é analfabeta. Os que estudaram, estudaram até a quinta série... Minha mãe, com certa dificuldade, conseguiu se formar em magistério... Então está sendo uma vitória pra nossa família. (grupo 2)*

Tradicionalmente, a estrutura familiar é considerada um fator importante associado a problemas escolares, entre os estudantes provenientes de camadas sociais desfavorecidas.<sup>7</sup> Na maioria dos relatos a família surge como fonte de motivação, ainda que isso não seja muito forte. Porém, alguns bolsistas justificam a eventual falta de incentivo em seus meios familiares como sendo o resultado das condições sócio-econômicas desfavoráveis, fato este que diminui as possibilidades de acesso e permanência na escola. Entretanto, nos casos citados, essas condições desfavoráveis parecem surtir um efeito contrário ao esperado, reforçando uma provável excepcionalidade individual dos casos em foco. De qualquer forma, não surgiram relatos que apontassem que os

---

<sup>7</sup> Num estudo dessa natureza, não é possível tecer generalizações acerca das relações entre estrutura familiar e trajetória escolar. Apenas lidamos com a forma como as experiências familiares são interpretadas, percebidas, por esses jovens e a maneira como constroem uma *rationale* de associação entre essas duas dimensões de suas vidas.

estudantes tenham enfrentado barreiras domésticas, como a oposição aberta de pais a que entrassem na universidade.

*... Mas meu pai sempre teve um ideal assim “faça sua parte, porque o que eu poderia fazer por você já fiz, não posso fazer mais. Então você tem que fazer a sua parte, se quiser estudar, estude, você que tem que construir a sua vida”.* (grupo 1)

*Eu já vinha perseguindo há muito tempo, na minha casa as pessoas não falavam muito em entrar para uma universidade, era mais terminar o segundo grau. Aí minha irmã, assim que saiu do segundo grau, minha irmã mais velha, ela sempre buscou isso... Aí, depois, esse incentivo ela passou pra mim, era a oportunidade que ela não teve que eu tive, então eu tive que aproveitar. Isso era uma obrigação, era uma obrigação, mas também era o meu sonho, era uma coisa que eu tava buscando... Foi uma questão de conquista.* (grupo 2)

*Meu pai até hoje faz... Estuda em casa, ele pega os meus livros que tã lá do ginásio, ele gosta de estar lendo e tal... Então a influência que eles tiveram no meu estudo era mais de que eu e meu irmã,o a nossa prioridade, era de sempre estudar, a gente... Nunca foi exigido que a gente trabalhasse, nunca foi exigido que a gente ficasse fora da escola pra poder ta ajudando dentro de casa.* (grupo 2)

*Assim... se fosse por motivação de parente, não foi., já que não tem nem noção do que é universidade, nem noção... Meu pai não sabe nem o que é universidade. Tentei explicar a ele, não faz nem idéia do que é... Quando eu disse a ele que eu passei, ele ficou perguntando que dia ia ser a formatura, essas coisas assim.* (grupo 1)

*Meu pai... Achava que o fato de terminar o ensino médio seria o bastante, porque você vai trabalhar e tal... E não foi assim, não foi assim, quando eu terminei o ensino médio... “Como eu trabalho?” Mas alguma vez eu fiz uma coisa diferente, eu vi que tinha necessidade de algo mais, e sempre quis esse algo mais e consegui o que eu queria.* (grupo 2)

Para além da família, há referências a amigos como incentivadores e responsáveis, em parte, pelas conquistas que obtiveram. Os exemplos de quem havia vencido barreiras falam alto nas percepções desses jovens. Porém – o que parece mais importante na avaliação de um programa dessa natureza –, os jovens relataram que hoje, após terem passado no vestibular, são como que referências e exemplos para os amigos e familiares que buscam o mesmo objetivo: ingressar numa universidade.

*Minhas grandes influências foram de colegas meus, das minhas relações políticas...Eram companheiros da minha corrente política, faz parte do grupo de juventude...* (grupo 1)

*Os amigos foram essenciais, porque foram eles que me ajudaram em muitas coisas, em momentos até que eu não tive apoio de minha família foram eles que me ajudaram muito.* (grupo 2)

*Desde pequena eu era referência pros meus primos, era até motivo de inveja por alguns que me mimavam por causa disso...(grupo 1)*

*Na minha família o impacto foi maior quando eu passei na universidade... Parece que por eu ter passado começou a formigar em muitos a idéia de universidade... (grupo 1)*

*Muitos amigos me incentivaram e muitos não estavam muito animados, aí, eles com minha entrada, eles se animaram, vão voltar até esse ano a estudar pra tentar vestibular. (grupo 2)*

*Dessa outra geração que tá surgindo agora, eu acredito que alguns vão conseguir ingressar, eu to dando apoio, agora mesmo eu to indo pro interior, to conversando com eles, falando de como é a universidade, a vida diferente... (grupo 2)*

Entre as razões que contribuíram, ou que foram decisivas, para que eles optassem por fazer vestibular, são recorrentes questões referentes à ascensão social, influências de amigos, e motivação própria para continuar os estudos.

*Eu tinha aquela idéia, poxa, essa idéia de “meu pai trabalhava em construção civil, eu não quero levar na minha vida a mesma coisa de meu pai, ser o que meu pai é, minha mãe é...” Mas parece que é uma coisa, você nunca pode, parece que é tão impossível você ser um professor, ser um médico... (grupo 1)*

*O que me levou a querer fazer vestibular foi que quis chegar a um ápice máximo de um músico... Só que a família não queria que eu fizesse pra Música... Eu tive que superar isso ... eu parei assim: “que é que eu sei até hoje?” Eu gosto de fazer música, gosto de tocar, então eu vou procurar me especializar nisso... (grupo 2)*

Quanto à opção de curso, a maior parte dos relatos dos bolsistas revela que a escolha surgiu de descobertas pessoais, no que se refere à profissão que futuramente lhes daria satisfação pessoal e realização profissional; além de influências exercidas por familiares, amigos e professores. A escolha dos cursos é, portanto, referida como vocacional, não surgindo qualquer vestígio de uma auto-seleção negativa, algo que poderia ser denominado uma escolha-racional, segundo os cânones dessa abordagem conceitual, exceto no que concerne à busca de realização profissional.

*Eu fiz Química porque foi uma coisa que eu gosto mesmo, foi incentivo meu mesmo. Aí quando as pessoas depois viram que eu gostava, aí depois passaram a me incentivar, só que o incentivo inicial foi meu mesmo. (grupo 1)*

*Eu passei um tempo morando com uma tia minha e ela tava fazendo curso técnico em Contabilidade, isso eu era quinta série, aí ela me levava lá só pra eu não ficar em casa sozinha, e peguei a prestar atenção naquelas coisas da aula... Também eu sempre fui muito ligada com matemática, sou apaixonada por matemática... Então eu fiquei em dúvida se eu ia fazer Contabilidade ou Matemática... E Contabilidade é uma área que está crescendo agora, tinha a ver, tem a ver com matemática. (grupo 1)*

*Em casa, pelo fato de eu ter escolhido o curso de Música, muitos de meus familiares não me apoiavam, e até hoje alguns ainda não apóiam. Mas eu acho que se eu continuar lutando eu vou mostrar a eles que quando a gente quer...(grupo 2)*

*E rapidamente, Veterinária mesmo, já era meu sonho, e a partir de que eu me decidi falei pra meus pais que era Medicina [veterinária] que eu queria, aí tive mais apoio porque me certifiquei mesmo... (grupo 2)*

*O que é que eu vou fazer o resto da minha vida e vou ter prazer em fazer isso? Aí eu comecei a perceber a minha identificação com as matérias de história, o quanto aquilo me fascinava, o quanto a pesquisa é maravilhosa pra mim, o quanto eu gostava de estar entre os livros de História. (grupo 2)*

### **Chegada à universidade: primeiras impressões e adaptação**

Em relação às impressões dos primeiros dias de aula na universidade, entre os motivos de preocupação ou estranhamento dos estudantes foram citadas: a organização de horários das aulas e a falta de informação para os alunos recém chegados. Fica clara a falta de familiaridade com as rotinas e com o cotidiano da vida universitária. Possivelmente, o mesmo se dá com estudantes de camadas superiores, mas não com a mesma intensidade. Talvez esse “choque” inicial tenha alguma implicação em uma certa visão reverente que esses estudantes apresentam com relação à universidade, um lugar pouco familiar, pouco afeito a suas vidas e que, para muitos, estaria além de suas possibilidades reais alcançar. Por outro lado, parece que a universidade também não tem maiores preocupações com a ambientação de seus novos alunos. O único relato que aponta uma sensação de boa acolhida destaca sua importância.

*Quando você chega aqui não sabe... Aqui é diferente, em cada local você vai ter determinada matéria, pode ser que num local você tenha duas matérias ou mais, mas só que isso é complicado... Então você chega aqui, pensa que era uma coisa e era outra, já foi o primeiro impacto que eu tive: “pô velho, já vi que ninguém vai me apoiar aqui não, viu? Se eu tiver algum conhecido, beleza, se eu não tiver, tenho que me virar sozinho”. (grupo 1)*

*Foram N momentos bons e ruins, a matrícula pra mim foi um dos dias mais felizes, me encontrar nos locais de aulas foram momentos muito difíceis também. Essas siglas, PAF, PAC, EBA, FCH etc., você vai se perdendo. Na primeira semana você não assiste aula nenhuma, porque quando você consegue chegar já acabaram... (grupo 1)*

*...A gente fica perdido, aí chega e pensa assim: será que o meu curso não é tão organizado? (grupo 2)*

*Então, foi uma acolhida muito boa que a gente teve, foi organizada pelos alunos veteranos que eram do DA. Então, isso aí pra mim foi até uma surpresa, porque meu conceito de universidade era cada um por si, Deus por todos, o professor chega na sala: “vá ler tal capítulo e tal capítulo e pra fazer a prova não sei que dia”. Sempre eu tive essa visão. Então, já começou e eu vi que a coisa não é bem assim, eu fui vendo. Veio essa coisa boa pra mim logo na primeira semana. (grupo 2)*

Entre os motivos de preocupação no período de adaptação na universidade, foram mencionados fatos relacionados às questões financeiras,<sup>8</sup> dificuldades em acompanhar o conteúdo do curso, e a linguagem (discurso) utilizada pelo professor; além do meio social diverso de suas realidades: Alguns bolsistas afirmaram terem sentido um certo desconforto diante de um ambiente onde a maioria das pessoas é de classes sociais mais altas. Alguns desses fatores provavelmente incidem também sobre calouros em geral.

*No dia da matrícula, quando eu vi meu roteiro de aulas e de horários, eu disse assim: “Meu Deus, é um desastre só!”, porque, eu tinha aulas na Federação, eu tinha aulas no Canela e eu tinha aula na Ondina. ... E mais uma vez mais uma decepção, porque eu não tinha condições econômicas de ir pra casa almoçar e voltar cinco horas da tarde para assistir aula de GEO e depois voltar novamente pra casa. Então, ia ser um gasto, assim, que eu não tinha... (grupo 1)*

*Assim como eu tive que deixar um emprego pra poder fazer o meu pré-vestibular, eu tive que deixar um emprego também porque eu recebi a notícia que eu tinha passado no vestibular na UFBA e aí bateu um desespero muito grande não só em mim, mas na minha família. (grupo 2)*

*No começo do semestre (...) não tava acostumada, não tinha de ler, o impacto de leituras... Eu tive uma disciplina mesmo que todos os textos dessa disciplina juntos, eu coloquei o monte e deu igualzinho ao das outras somados. Então, foi muito texto, pra caramba. Eu não sei, porque eu não estava acostumada e também a linguagem, texto científico, eu não sei se foi isso ou se era difícil realmente... (grupo 1)*

*(...) o grande passo mesmo pra mim foi aquela coisa da linguagem, porque às vezes eu pegava um texto e lia e aquilo ali não me dizia nada, porque eu não entendia, a linguagem era muito diferente do que eu tava acostumada, dos professores, dos textos que passaram pra gente principalmente, os teóricos... (grupo 2)*

*Minha primeira aula no ICS, Instituto de Saúde, quando eu cheguei, tomei logo um baque assim. Sabe aquele negócio que você diz assim “aqui não é o meu lugar”, não são os meus... Nada contra, não é... Racismo às avessas. Uma coisa é você se sentir à vontade no meio dos seus, né? Uma coisa é você chegar e perceber que noventa por cento são brancos... Noventa não, noventa e cinco por cento são brancos. (grupo 1)*

---

<sup>8</sup> Em uma longa greve da Universidade, em 2005, os funcionários administrativos resolveram suspender até mesmo o pagamento de bolsas como as integrantes desse convênio por alguns meses. Assim, mesmo sendo as bolsas providas por uma instituição externa, elas eram pagas aos estudantes pela burocracia da UFBA. Por conta desse fato, dificuldades financeiras severas atingiram os estudantes, apesar de sua condição de bolsistas.

*Outro meio impactante mesmo foi a questão que eu ficava pensando, uma faculdade pública que só tem rico. É bastante interessante essa questão, que todo mundo sabe que... Eles vieram de escola privada e tiveram mais aquele apoio, aí conseguem aprovação bem maior, bem marcante em relação às escolas públicas... (grupo 2)*

Também foram citadas mudanças que os estudantes atribuem ao ingresso na universidade pública. De imediato, o prestígio diante de seus pares parece ter sofrido mudança destacada. Além disso, emergem também falas em que os contrastes sociais e a oportunidade de conviver com estudantes de outras origens sociais são bastante valorizados e não tomados como pontos negativos. Porém, deve-se considerar que a fala do aluno negro do curso de área biomédica deve estar se referindo a um contraste social e de cor bem mais nítido.

*A vida universitária, a gente já é olhado pela sociedade de forma diferente, a gente vê que desde a nossa família até os amigos, os vizinhos, a gente já é olhado de maneira diferente. Como o nosso colega citou, os bancos encostam na gente de uma forma, nos valorizam, quer você um cartão que é crédito universitário, aquela coisa toda, mas como antes você era ninguém... E também, a vida universitária... Não vamos também deixar tirar o crédito, mas é uma vida boa, você sobe mais um degrau na sua vida, é um degrau da sua vida, você conhece novos mundos, você acaba ganhando um pouco de conhecimento a mais, você ta desenvolvendo também uma ciência na universidade, você pode estar futuramente contribuindo em algo pra sociedade de alguma forma. (grupo 1)*

*O contato que eu tenho tido com pessoas diferentes do meu mundo, da rua onde moro, dos meus familiares, tem sido muito bom, e muito enriquecedor. A turma de Educação é muito mista, é como aqui, tem gente de várias áreas fazendo a licenciatura e pessoas muito mais velhas do que eu e experientes na graduação. Então isso tem me ajudado muito, fazer esse debate, essa troca é muito boa e eu tenho aproveitado muito essa questão, entrar em contato com pessoas diferentes, com artistas, artistas plásticos e artistas de teatro, e isso tem me enriquecido muito, culturalmente e academicamente também e eu tenho me aproveitado. (grupo 2)*

A maioria dos participantes dos dois grupos considerou seu desempenho acadêmico satisfatório.<sup>9</sup> Apesar de admitirem que poderiam ter tido melhores resultados, alguns alegam que se encontram em período de adaptação e acreditam que o rendimento obtido é correspondente a esse momento conturbado; outros revelam ter tido dificuldades com a abordagem dada por alguns professores aos conteúdos de determinadas disciplinas, e consideram que tais problemas enfrentados podem ser atribuídos à baixa qualidade do ensino público no qual se encontravam inseridos, desde o

---

<sup>9</sup> Uma única medição do coeficiente acadêmico no primeiro semestre letivo, a partir de um *survey* realizado com alunos em geral das turmas de bolsistas pesquisados, revelou média levemente superior entre os bolsistas, comparados a seus colegas em geral. Esse seria um resultado deveras animador, conforme algumas universidades vêm divulgando em relação a seus alunos “cotistas”, porém, em nosso caso, uma regressão linear com poucas variáveis demonstrou que o efeito “média superior”, detectado entre os bolsistas, estava associado fundamentalmente ao sexo feminino predominante entre estes, no contraste com os demais alunos, e não com o fato de serem bolsistas. Como resultado ainda um tanto surpreendente,

ensino fundamental até o nível médio. Também está presente nos depoimentos o desejo de ter maior dedicação e participação em mais atividades acadêmicas.

*O aproveitamento é complicado dizer, de lá pra cá, eu digo do primeiro semestre pra agora, no meio, eu digo que sessenta por cento de tudo que eu li, de tudo que eu discuti na universidade eu digo: aproveitei bastante. É complicado isso, porque a gente não é adaptado a um acúmulo de leitura, a determinado discurso, a gente começa a conhecer determinados discursos e você, muitas vezes pra você se adaptar, determinados fatores passados. Então, toda essa dificuldade já era de uma realidade que eu vinha, de uma escola pública, de uma classe assim, considerada inferior, de um nível intelectual considerado abaixo e tal, então... São essas coisas... São muitas coisas frustrantes...(grupo 1)*

*Esse semestre eu acho que minhas notas poderiam ter sido muito melhores... Mas eu acho que foi um momento de encontro, eu não fiquei muito frustrada com isso porque eu tava me encontrando ainda, eu tava descobrindo como eles avaliavam, como é que eles queriam que... O que os professores esperavam de mim. Eu acho que eu aprendi muito mais do que minhas notas mostram, eu não fiquei muito espantada com isso. (grupo 1)*

*Eu tenho... E tive algumas dificuldades no primeiro semestre, por causa das Leituras, muita coisa pra ler, um ritmo de leitura tão grande... Essas foram as dificuldades que eu encontrei pra ter um maior desempenho. Eu tava com dificuldade com o ritmo de leitura e cheia de dificuldades em compreender, eu acho que isso que acabou me atrapalhando um pouco pra eu ter um maior desempenho.(grupo 2)*

## **Perspectivas futuras**

Em relação às perspectivas dos bolsistas para depois da graduação e para daqui a alguns anos, entre muitos objetivos, os que mais se destacam são o desejo de obter estabilidade financeira, de continuar os estudos, de lecionar, além de contribuir socialmente através de suas respectivas funções profissionais. Não aparece algo já observado em outras pesquisas com estudantes mais jovens de escolas públicas (Costa e Koslinski, 2006): o desejo de saldar uma certa dívida de gratidão com pais (a mãe, em especial) ou a vontade de melhorar as condições de vida de suas famílias. Há como que uma ênfase em aspectos mais acadêmicos e de, digamos, “responsabilidade social”.

*Depois de formada, depois da graduação eu penso na minha pós-graduação, eu penso em me estabilizar financeiramente, e... Desejo que a minha influencia sobre minha família, e meus amigos, cresça, pra que eles também procurem a melhora deles, que eles procurem os caminhos sabe? Crescer na vida também, procurar progredir. (...) Daqui a dez anos uma profissional de sucesso, eu quero ser uma auditora fiscal, quero trabalhar em Brasília, é isso que eu quero, só isso.(grupo 1)*

---

a medição – precária – do nível socioeconômico dos estudantes pesquisados não se revelou significativa na predição de seu desempenho.

*Depois de formado eu não quero só ter uma estabilidade de ter todos os bens que a gente sonha em ganhar, mas também fazer uma contribuição social, porque eu acho que o nosso Brasil necessita muito ainda do apoio nosso, não adianta a gente fazer mais parte de mais uns formados, mas justamente contribuir também. (...) Daqui a dez anos eu penso quem sabe ta contribuindo pra sociedade de alguma forma, entendeu? Criando algum projeto, alguma instituição, alguma coisa pra ajudar esse país, porque eu vejo que eu nasci pra isso. (grupo 1)*

*Eu tenho muitos sonhos pra depois que eu me formar, eu pretendo continuar estudando, porque eu penso em fazer mestrado, Doutorado, continuar \*, trabalhar na área de... Eu pretendo lecionar e não só a nível universitário, mas a nível de segundo grau, porque eu acho que a base de tudo é a educação, e no colégio a gente não encontra muitos professores que queiram estimular os alunos de escola pública a correr atrás, a estudar, dizer a eles que eles podem se desenvolver, que eles podem conseguir aquilo que alguma pessoa de qualquer outro colégio... dizer, ah, você também consegue porque eu também passei por tudo que você passou e consegui, você pode. Então, quero fazer mestrado, doutorado, ensinar... trabalhar na área de pesquisa, é tanta coisa que eu quero fazer. (grupo 2)*

*Depois de formado eu pretendo continuar a lecionar, essa experiência que eu to tendo com esse outro projeto da Fundação que carinhosamente eu to chamando de Quilombinho... Então o fato de ta ensinando pra essa galerinha de quinta série ta sendo um fato muito positivo, muito satisfatório na minha vida... eu acho que eu não me imagino fazendo outra coisa senão lecionar.(...) Daqui a dez anos eu pretendo também fazer o Mestrado e Doutorado e continuar lecionando, faculdade, segundo grau, isso. (grupo 2)*

## **Considerações finais**

Esse é um estudo que procurou conhecer, de forma sistemática, percepções de estudantes integrados a um programa que, por meio de bolsas e outros procedimentos de apoio acadêmico, busca favorecer algumas pessoas provenientes de meios sociais reconhecidamente em condições desvantajosas quanto ao acesso a níveis superiores de ensino, especialmente nas instituições mais prestigiadas do país. Possivelmente, por conta da expansão recente do acesso aos níveis básicos de ensino, bem como da recente expansão expressiva das vagas em muitas universidades públicas, mas também em função do ingresso de novos agentes e de novos pontos na agenda das políticas públicas brasileiras, a presença desses estudantes passa a ser não somente algo menos raro, mas uma exigência sob qualquer ângulo que se pense em equidade.

Dado o caráter recente, em termos históricos, do fenômeno sob atenção, muito há ainda por explorar e, sobretudo, muito a aprimorar na promoção de oportunidades escolares menos desiguais em um país com as características do Brasil. As falas dos estudantes ouvidos em nossos grupos focais, integrantes de um programa que busca favorecer a permanência dos mesmos em universidades bem conceituadas, de um Estado com comparativamente poucas oportunidades de acesso a instituições públicas de ensino superior, revelam problemas que já são reconhecidos estatisticamente, mas dá a esses problemas como que uma imagem viva e permite

identificar estratégias de como são enfrentados. Além disso, a investigação com jovens que podem ser considerados “vencedores” (e eles de fato assim se reconhecem) proporciona vislumbrar as dificuldades com que se defronta a multidão de outros que não lograram aprovação na longa e dura corrida de obstáculos que ainda é a busca de um curso de nível superior em nosso contexto.

Os jovens aqui presentes não podem ser considerados representativos do conjunto de jovens em condições próximas das deles, dado que o estudo – e o próprio Programa – não tem um caráter amostral.

Enquanto conclusão, a primeira questão ressaltada é a clareza que os jovens possuem quanto à precariedade das escolas públicas a que tiveram acesso. Não há novidade nessa constatação, mas é realmente impressionante a quase unanimidade nas queixas e críticas às escolas públicas desses estudantes, oriundos de escolas as mais diversas. A única exceção pode ser caracterizada como referida a uma escola também de exceção: uma escola técnica federal. Na percepção desses estudantes, a escola aparece destacadamente como um obstáculo, um limitador de oportunidades, apesar de, paradoxalmente, eles terem dependido dela para galgarem à universidade. É interessante ressaltar que praticamente não há menções às condições materiais das escolas, mas, sobretudo, à sua qualidade e à baixa expectativa que sentiam ser depositada sobre eles nesses estabelecimentos, bem como às longas greves.

Entre as críticas às escolas, o professorado aparece ora como algoz ora como exemplo e estímulo. Não há uma crítica generalizada à categoria, provavelmente, refletindo sua grande diversidade. Cumpriram papel relevante, porém, professores que se destacaram no incentivo aos alunos por tratá-los como capazes de alçar vôos mais altos. Esse aspecto é interessante e coerente com outros achados de pesquisa.<sup>10</sup> Para estudantes bem sucedidos, ou com perspectivas escolares ambiciosas, a noção de bom professor parece associada a alguém que exige, pois também se empenha em dar. Não foram ressaltados aspectos amistosos na relação professor/aluno, mas o estímulo e a valorização. Evidentemente, o professor “boa-praça” deve ser presente, mas os relatos não destacam esse aspecto.<sup>11</sup>

Assim como nas dificuldades escolares, as barreiras concernentes ao meio social de origem são claramente relatadas. Surpreendentemente, vários dos estudantes, bastante pobres, tiveram dificuldades em terem aceitos seus pleitos de isenção nas taxas dos vestibulares das universidades públicas.<sup>12</sup> Entre as barreiras, além das condições propriamente econômicas

---

<sup>10</sup> Ver Costa, M. e Koslinski, M. (2006).

<sup>11</sup> Na pesquisa mencionada (Costa e Koslinski, op. cit.) o que poderíamos denominar “coleguismo” era um elemento distintivo de “bons professores” apenas nas escolas de baixo prestígio.

<sup>12</sup> É difícil crer que as universidades públicas sejam tão avaras na concessão deste benefício, segundo alguns depoimentos, dificultando o acesso de alunos pobres até mesmo ao processo de seleção. Ironicamente, muitas

referentes aos custos de estudar, ganham relevo as condições culturais de falta de familiaridade com o ensino superior. As famílias e círculos de convivência são unanimemente relatados como pouquíssimo afeitos a vislumbrar a possibilidade do acesso à universidade e ao que seriam condições dessa vida. A expansão recente da escola média e superior, no Brasil, faz com que a experiência de escolarização nesses níveis seja algo escasso para os grandes contingentes de mais baixa extração socioeconômica. Isso tem implicações tanto nas possibilidades de ajuda acadêmica nas redes sociais às quais se vinculam, quanto nos contrastes culturais que enfrentam ao ingressar na universidade.

Porém, e esse é um traço a ser ressaltado, infelizmente distante da capacidade analítica desse estudo,<sup>13</sup> as barreiras relatadas pelos estudantes são recorrentemente percebidas como desafios e até mesmo estímulos. Possivelmente, a noção de resiliência (Kelleher & Patterson, 2005) enquadraria, mas não como explicação sociológica, as características desses jovens. Diante de muitas adversidades há um certo traço comum a esses jovens, que é não se reportarem em tom lamurioso mas ressaltando suas características pessoais e as formas com que driblaram as limitações. É evidente que esse comportamento pode ser considerado esperado, diante do fato de ser ainda recente seu ingresso na universidade, não tendo sido, ainda, assimilado e “naturalizado”. Porém, ao serem instados, ou mesmo espontaneamente, os estudantes pesquisados atribuem a suas características pessoais os fatores distintivos que lhes permitiram chegar até aqui. Mesmo as alternativas coletivas – grupos de estudo – bastante destacadas para impulsionar as chances de aprovação, são resultantes de escolhas voluntárias, buscas individuais de superar limitações estruturais adotadas por indivíduos aparentemente dotados de certo comportamento ascético.

Teoricamente, há atrito com explicações que carregam nos fatores sociológicos, ao interpretar as oportunidades de progressão escolar.<sup>14</sup> É evidente que nosso estudo não se contrapõe ao reconhecimento de tais fatores. Porém, mesmo que a idéia da existência de conjuntos de bens, conhecimentos e atitudes que, diante do ambiente escolar de nível universitário, favorecem, ou não, aos que lhes acedem graus de familiaridade diferente seja bastante forte, a grande variação escolar entre indivíduos de condições socioeconômicas e culturais equivalentes remete a diferenças no plano propriamente individual. É neste plano que parece emergir tal característica “guerreira” dos estudantes em foco. Tanto noções como as de capital cultural ou de privação econômica, quanto o reconhecimento de um plano estritamente individualizado de variação de

---

universidades privadas não cobram qualquer taxa na seleção de seus alunos. Não é exagerado supor que tais taxas se tornaram uma fonte expressiva de recursos “não-carimbados” para essas universidades.

<sup>13</sup> Parece-nos que algo na linha da psicologia -social daria conta de mais bem explorar esta questão.

<sup>14</sup> Seria um interessante estudo a ser desenvolvido, com recursos comparativos e escala mais abrangentes. Porém, a idéia de redes sociais de suporte não aparece com destaque nas falas desses estudantes.

como tais condicionantes sociológicos são confrontados parecem úteis para auxiliar na compreensão do fenômeno.

Na mesma direção, as teorias que apontam um forte limitador cultural – o conhecimento das carreiras e profissões – bem como a operação de um cálculo estratégico que busca compatibilizar os recursos escolares e sociais disponíveis com o máximo de benefícios que poderiam “comprar” na vida acadêmica podem ser consideradas como ajuda à compreensão das situações de escolha dos estudantes. Ambas as explicações aparecem nos discursos. No entanto, a vocação aparece como principal fator de escolha dos cursos, o que pode espelhar uma fragilidade da modalidade de pesquisa adotada, dado que na situação de interação grupal, pode haver uma tendência a que os indivíduos tenham mais dificuldade de expor, por exemplo, escolhas “racionais” por cursos de mais baixo prestígio, o que poderia ser denominado auto-seleção negativa. Todavia, não seria legítimo interpretar as falas, desconsiderando-as substantivamente. Não nos propomos a efetuar uma espécie de psicanálise sociológica. E o que elas dizem é que os cursos foram escolhidos por busca de ascensão e por vocação, eventualmente até contra a opinião da família. Não surgiu nos grupos focais um relato, um tanto esperado, de escolha por um curso pelo reconhecimento da dificuldade de alcançar a outro que seria uma primeira escolha.<sup>15</sup>

Ainda como elemento importante do acesso à universidade, surge o efeito-demonstração. Alguns jovens relatam o impacto que sofreram da observação de conhecidos que, em condições aparentadas com as deles, lograram chegar à universidade. Porém, o mais importante é como eles relatam terem se tornado, eles próprios, exemplos reconhecidos. Ao passarem à condição de universitários, além do acesso a um status diferenciado, diversos contam ter estimulado a que novos jovens passem a considerar essa possibilidade como algo menos remoto.

De qualquer forma e para praticamente todas as considerações aqui apresentadas, este estudo deve ser considerado exploratório e descritivo. Resta um mundo de possibilidades residentes na perspectiva da realização de trabalhos de investigação nas quais a comparação com outros grupos esteja presente.

---

<sup>15</sup> Em outro programa também patrocinado pela FCM esta atitude ficou nítida em um estudante, candidato à universidade, que escolheu um curso supostamente “mais fácil” ao invés daquele que seria sua verdadeira intenção. No entanto, por uma infeliz ironia, o curso ao qual efetivamente concorreu era, de fato, mais procurado. O estudante foi aprovado e tê-lo-ia sido também caso não tivesse descartado sua primeira escolha. A escolha foi balizada pelo desconhecimento típico de alguém pouco familiar ao ambiente ao qual se propunha ingressar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA**, Marcio e **KOSLINSKI**, Mariane C. “Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro”. In *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 31, 2006.
- KELLEHER**, Paul & **PATTERSON**, Jerry L. *Resilient School Leaders: Strategies for Turning Adversity into Achievement*. Alexandria, USA: Association for Supervision and Curriculum Development, 2005.
- PAULO**, Nélia R. dos S. de. *Movimentos de educação popular: um estudo sobre os pré-vestibulares para negros e carentes do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 184 p., 2005 (Dissertação de mestrado)
- ZAGO**, Nadir. *Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas*. Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, Sociedade Brasileira de Sociologia. Recife, 2007.
- ZAGO**, Nadir. “Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares”. In *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 32, 2006.